



CRIANÇAS E BENGALAS: Uma abordagem de Adaptação

M.K. Kronick

Extraído da Revista “Journal of Visual Impairment and Blindness”. Fevereiro 1987. Pág. 61-62.

Traduzido para o espanhol por Profa. Graciela Ferioli

Traduzido para o português por Marcia Maurilio Souza –2006.

Revisão Shirley Rodrigues Maia-2006.

Resumo: Na Escola Oregon para Cegos foi desenvolvida uma seqüência de bengalas para usar com jovens cegos e/ou alunos com deficiência múltipla para ajudá-los a compensar a falta de desenvolvimento motor grosso requerido para usar uma bengala comum. Estas bengalas podem incrementar a independência do movimento no momento em que surge a motivação.

Os instrumentos de Orientação e Mobilidade particularmente a tradicional bengala longa, foram inicialmente planejadas para adultos. As necessidades dos jovens deficientes visuais e/ou crianças com deficiência múltipla, podem não ser satisfeitas usando a bengala tradicional. A Escola Oregon para Cegos desenvolveu diversas bengalas para ajudar estes alunos na aquisição de habilidades em mobilidade.

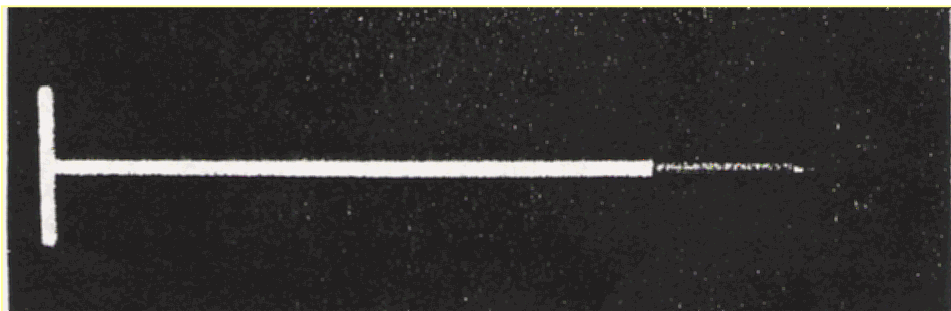
Um aluno cego com deficiência múltipla mencionou o desejo de ser mais independente em meios ambientes familiares da Escola para Cegos. Ele realizava seus percursos com um guia vidente ou usava habilidades inconscientes de rastreamento. Não podia encontrar buracos ou esquinas que se distraía facilmente. Seu passo era muito torpe (sem equilíbrio). Quando caminhava seu joelho estavam tensos, seus braços flexionados para cima e suas costas rígidas. Perdia seu equilíbrio facilmente fazendo com que fosse de um lado para o outro. Seus passos eram curtos e caminhava lentamente; sua cabeça geralmente estava abaixada.

As habilidades conceituais do aluno eram limitadas. Podia entender indicações simples uma de cada vez se estas fizessem parte de sua rotina diária. Ele tinha um percurso, com uma rota limitada a dois ou três destinos e requeria supervisão constante para localizá-los. Depois de um ano de usar uma variedade de técnicas com a intenção de melhorar suas atividades, enquanto se incrementava sua conduta na tarefa. Chegou a ser evidente que o aluno cego e/ou deficiente múltiplo com desenvolvimento motor grosso comprometido não podem manipular a bengala longa tradicional com propriedade.

Como especialista de Orientação e Mobilidade, o autor trabalhou muito de perto com o professor de sala aula e o fisioterapeuta para desenvolver uma bengala “rolante” para apoiar nas seguintes áreas:

- Criar um conhecimento do meio ambiente que se estenda para além do corpo;
- Melhorar o passo e a velocidade da marcha;
- Localizar buracos, obstáculos, etc. e cruzamentos de ruas;
- Criar um sentido cinéstesico do movimento apropriado da bengala e sua função;
- Movimentar-se tão independentemente quanto seja possível nos parâmetros motor e cognitivo do aluno.

A bengala “rolante” foi construída usando o cano de uma bengala Typhlo. Foi medido do piso até aproximadamente a cintura, portanto seus braços podiam ser estendidos desde seu corpo até uma posição confortável. O cabo da bengala foi confeccionado em madeira de uma polegada presa na parte superior do cano e perpendicular a ela formando um “T”. O cabo foi medido para que fosse aproximadamente 10 centímetros (cinco centímetros de cada lado) mais comprida que a largura dos ombros da criança. A extremidade inferior da bengala consistiu em duas rodas plásticas pequenas soldadas a uma base de metal de seis polegadas. No meio da base havia uma peça circular de metal de duas polegadas suficiente para acomodar o cano. As rodas rodavam em todas as direções. A fita refletora foi usada para iluminar o cano como a bengala tradicional.



A seqüência do treinamento começou fazendo com que o aluno empurrasse a bengala em linha reta diante de seu corpo, segurando-a com ambas as mãos sobre o cabo com as palmas para baixo.

Seus braços estavam estendidos da linha media do corpo aproximadamente na mesma distancia na qual é usada com a bengala tradicional.

Nas etapas iniciais de treinamento as áreas selecionadas enfatizaram a posição correta dos braços enquanto se movia para adiante e o desenvolvimento de um passo apropriado.

Enquanto o aluno estava cômodo movendo a bengala para frente, ele podia investir mais tempo explorando o meio ambiente do dia-a-dia, especialmente localizando e reagindo aos obstáculos. A bengala foi usada em escadas e para atravessar portas como uma de treinamento de orientação e mobilidade. O peso adicional e o tamanho das rodas aumentaram os problemas de coordenação. Depois que o aluno foi capaz de realizar o movimento para frente com a bengala eficazmente; o trabalho começou a focalizar as laterais. Isto se realizou deslizando as rodas para trás e diante de seu corpo, novamente segurando o cabo com ambas as mãos com as palmas para baixo.

O movimento da bengala foi realizado com os pulsos, movendo de lado a lado, tentando manter os braços ao lado do corpo.

O cabo da bengala era segurado na altura aproximada da cintura e separado do corpo. Os braços estavam ligeiramente flexionados. Isto permitia ao aluno proteger totalmente seu corpo e explorar, detectando os cruzamentos e corredores. O rastreamento com a bengala foi alcançado com alguma dificuldade empurrando-o para frente com um braço enquanto se rastreava com a outra mão. O uso da técnica de “proteção alta” em conjunto com a bengala “rolante” não se ensinou por diversas razões. A principal razão de implementar a bengala foi compensar a dificuldade de coordenação motora. Isto requeria



um tempo maior para implementação da manipulação motora em executar ambas técnicas simultaneamente.

Assim mesmo, os alunos envolvidos no uso de bengalas adaptadas não usaram a técnica de proteção alta independentemente sem a bengala. Foi necessário selecionar uma técnica de orientação e mobilidade que poderia oferecer percursos exitosos em uma variedade de meios ambientes.

Os alunos deficientes múltiplos demonstraram maior independência em seus percursos usando a bengala “rolante”. Simultaneamente, seu passo foi mais consistente e seu corpo relaxado favoreceu a implementação para as suas respostas de informação sobre o meio.

A bengala “rolante” também favoreceu o desenvolvimento das habilidades de Orientação e Mobilidade nas crianças cegas pré-escolares. Sua coordenação motora como em muitas crianças cegas congênitas era muito pobre. Conceitualmente, estavam prontas para começar a trabalhar com uma bengala, porém não tinham a força para manipular a bengala tradicional (longa) usando métodos tradicionais. Depois de vários meses de treinamento com a bengala “rolante” estavam preparados para manipular melhor do que antes. As rodas sob a bengala foram substituídas por uma ponteira de nylon tradicional junto com uma ponteira deslizante. Usou-se o modelo de ponteira WCIB e manteve-se o cabo.

A ponteira deslizante e o benefício de usar ambas as mãos para manipular a bengala permitiu ao aluno explorar uma grande variedade de meios. Havia algumas dificuldades para manipular a bengala “cabo”¹ sobre superfícies rugosas para evitar que travasse. O uso da ponteira deslizante ajudou a reduzir alguns dos problemas.

Também se considerou o uso da pastilha de “altea”. Com treinamento o aluno podia levantar suavemente a bengala para evitar que travasse. A bengala “cabo”, também foi treinada em posição parada como é utilizada no treinamento da bengala tradicional, para que o aluno estivesse pronto para transição da bengala adaptada e a bengala tradicional para ganhar mais habilidade.

Usando a bengala adaptada, o aluno melhorou sua independência mais precocemente, como também ganhou a oportunidade de usar um instrumento melhor para apoiar o seu desenvolvimento motor atual sem inibir o sentido de exploração. Usando uma seqüência de bengalas, oferecemos a oportunidade de experimentar com êxito e confiança o uso da bengala. O tempo de treinamento para cada bengala varia de acordo com o nível de habilidade individual do aluno. Ambos alunos envolvidos no treinamento aprenderam as habilidades iniciais da bengala “rolante” durante os primeiros três meses da prática. Dezoito meses mais tarde, ambos estavam continuando o uso da bengala “cabo” a diferentes níveis de habilidades.

Marilyn Kronick, M. A., especialista em Orientação & Mobilidade, Escola Oregon para Cegos, 700, Church St., SE., Salem, Oregon - 97310.

¹ Bengala “cabo” - nome utilizado para um modelo de bengala adaptada.